

ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS CEGAS: PROCEDIMENTOS PARA ESTA PRÁTICA

SILVEIRA, Dirce Franck¹; SILVA, Luiza² ; PINHEIRO, Quelen³; SELAU, B.⁴

¹Estudante de Pedagogia da Universidade Federal do Pampa (dircefranck@hotmail.com);

²Estudante de Pedagogia da Universidade Federal do Pampa (luiza.nena.santos@hotmail.com);

³Estudante de Pedagogia da Universidade Federal do Pampa (qu3l3wp3r3ira@hotmail.com);

⁴Professor Universidade Federal do Pampa (bentoselau@unipampa.edu.br).

SELAU, Bento¹

¹ Orientador, Professor Universidade Federal do Pampa (bentoselau@unipampa.edu.br).

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo compreender como se dá o processo de alfabetização de crianças cegas, identificando os conhecimentos e os procedimentos necessários para esta prática.

O estudo sobre alfabetização de deficientes visuais foi uma das sugestões mencionadas na disciplina “Experiências de aprendizagem em espaços educativos escolares e não escolares” da qual se explorou áreas de atuação do pedagogo em diferentes espaços de ensino.

Este interesse deu-se a partir das grandes curiosidades e vagas informações que obtivemos ao estudar a deficiência visual de uma forma mais ampla.

Acreditamos que este trabalho possa contribuir para formação de educadores, especialmente aos que tem interesse na educação especial e inclusiva.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A coleta de dados se deu por procedimentos de uma pesquisa bibliográfica, que nos possibilitou obter informações de uma forma ampla e objetiva que nos aproximou do nosso objetivo de estudo. Esse procedimento se deu através da exploração de fontes bibliográficas em materiais como livros, artigos e entre outros documentos. Divide-se em quatro fases de procedimentos, seguindo as sugestões de Lima e Mito (2007), conforme se apresenta: a) Elaboração do projeto de pesquisa; b) Investigação das soluções (levantamento da bibliografia e levantamento das informações contidas na bibliografia); c) Análise explicativa das soluções; d) Síntese integradora.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A criança vidente entra no caminho da escrita se apropria deste sem que perceba, pois os objetos da escrita estão ao seu alcance, coisas que instigam sua imaginação e curiosidade. Através da observação dos hábitos dos adultos pelo fenômeno da imitação, o lápis, papel e caneta fazem parte de seu cotidiano e são os veículos necessários para despertar sua criatividade. Para isso não é necessário lápis e papel: utilizam-se de qualquer lugar plano para se revelar, usando paredes, vidros e até mesmo o chão, com rabiscos e mais rabiscos demonstrando este desejo interno.

A criança no processo de alfabetização precisa adquirir noções básicas, uma das mais importantes nessa fase é a dos símbolos, ela precisa entender que os riscos têm relação com os sons, o simbolismo se instala na criança desde muito cedo (ALMEIDA, 2002).

O alfabetizando vidente ao chegar à idade escolar traz consigo uma vasta bagagem de saberes e conhecimentos passando por níveis, durante este período (FERREIRO e TEBEROSKY, 1985): Pré-silábica: se expressa através do desenho não diferenciando das letras; Silábica: uma letra para cada sílaba. Silábico-alfabético: identificação de algumas sílabas correspondentes entre letra sílaba e som. Alfabético: separação das palavras, escreve como fala, correspondência com a pronúncia.

O alfabetizador tem a liberdade de trilhar por dois caminhos que levam a alfabetização de acordo com o fundamento teórico que optar, sendo (BARBOSA, 1992): Sintético: seu ponto de partida é no estudo dos elementos da língua, letra, fonema, sílaba, considera o processo da leitura como um esquema somatório com a soma dos elementos o alfabetizando aprende a palavra. Analítico: parte dos elementos de significação da língua, palavra, frase, conto. Os dois métodos se opõem quanto às operações básicas que envolvem: síntese e análise. Mas as duas têm algo em comum: para aprender a ler a criança precisa estabelecer correspondência entre som e grafia, a criança aprende a ler oralizando a escrita.

O requisito fundamental para um educador que pretende ingressar na educação de crianças com necessidades especiais, mais especificamente crianças cegas, é ter em mente que são seres que constroem, desenvolvem-se e aprendem, entretanto, necessitando de atendimentos especializados e dirigidos de acordo com suas necessidades. A criança cega é um ser por inteiro, portanto, o educador não deve educá-lo como um indivíduo automatizado passível de condicionamentos (ALMEIDA, 1997).

A autora refere que, “sem sombra de dúvida o período de alfabetização é aquele que afloram os mais graves problemas verificados no correr do desenvolvimento da criança cega” (ALMEIDA, 1997, p.1). É nesse momento que se percebem as falhas no processo cognitivo da criança, que podem ser causadores das dificuldades e fracassos. Todavia se for oportunizado os recursos e procedimentos especializados para seu desenvolvimento de habilidades este déficit certamente será amenizado e até superado (ALMEIDA, 1997).

O presente artigo trata da alfabetização de crianças totalmente cegas ou que percebem apenas a luz. Que nasceram cegas ou perderam a visão antes dos cinco anos e não tem a visão como padrão de referência (SANTIN e SIMMONS, 2000).

A informação da realidade que a criança cega tem, não é a mesma de uma criança vidente visto que ela constrói um modelo de mundo a partir de fragmentos que muitas vezes são inconsistentes, não verificados e não relacionados (SANTIN e SIMMONS, 2000).

Um pré-requisito importante para amenizar as dificuldades dessa criança na alfabetização é o máximo de contato com materiais, com diversas formas e texturas, com o objetivo de desenvolver seu sentido tátil tão necessário para o método Braille. Na pré-escola é essencial que a criança tenha o máximo de contato com a escrita, assim como os videntes. Seus nomes devem estar ao seu alcance, em Braille e em alto relevo, facilitando sua familiarização com a escrita (ALMEIDA, 2002). O símbolo também é primordial para a alfabetização das crianças cegas, elas precisam fazer a relação do conjunto de pontos que formam os caracteres do sistema Braille com os sons da fala, sem isso a criança não se alfabetiza. Para reforçar a noção de símbolo

é necessário que o educador utilize-se de recursos auditivos como: diferentes tipos de apitos, sirenes e recursos olfativos, jogos de papéis e imitações.

O método com melhores resultados tem sido o sintético, introduzem as letras, sílabas, palavras e depois frases (ALMEIDA, 2002). A afetividade e as relações que estas crianças desenvolvem no decorrer da sua vida e da alfabetização são recursos de grande valia para o apoderamento do mundo letrado e social. A interação com objetos, com o meio físico e com as pessoas, trás a estas crianças maior crescimento e firmeza em seu aprendizado, portanto, trabalhar em pequenos grupos estimulando a interação entre eles surtirá melhores resultados.(ALMEIDA,1997)

Os materiais considerados como básicos para um desempenho eficiente no processo de ensino aprendizagem dos alunos cegos, são: textos transcritos em Braille, gravador cassete, reglete e punção, sorobã.

Os programas de computador, como o DOSVOX têm sido de grande valia para os cegos, pois tem um sistema de voz que possibilita a reprodução falada dos materiais disponíveis na internet.

O sistema Braille é um modo de leitura e escrita que se usa as mãos através do tato, utilizado pelos cegos, este sistema foi desenvolvido pelo francês Louis Braille (1804-1852) que ficou cego ainda criança ao se machucar com uma ferramenta quando brincava no local de trabalho de seu pai.

O sistema veio para o Brasil somente em 1854. Ele é composto por um sistema de seis pontos em relevo, formado por duas colunas contendo três pontos. Dessa formação de colunas e pontos em relevo pode-se fazer até 64 combinações, que podem representar letras simples, acentuadas, pontuações, algarismos e também notas musicais (BECHARA e LEMOS, 1996).

O professor, para alfabetizar com o sistema Braille, deve conhecer o sistema. Ter um conhecimento prévio de funcionamento e de como aplicá-lo. Hoje em dia muitos dos professores acham que é simples ensinar Braille a um aluno cego e por acreditar nessa facilidade, muitas vezes, durante a escolarização obrigatória, os estudantes cegos não são tão motivados para a prática do Braille e não o conhecem em todas as modalidades. Por isso existe uma grande perda na leitura, o processo de reconhecimento dos caracteres é lento e se torna cansativo fazendo com que alguns não queiram utilizá-lo.

Também é importante que os alunos sempre utilizem os materiais dos quais precisam em Braille. Tem que se levar em consideração que esse sistema é a sua escrita, e a qual vão permitir que ele faça a leitura e é nele que deve sempre se apoiar. E quando há uma leitura persistente no sistema Braille diminui os reflexos negativos da escrita principalmente no que diz respeito à qualidade da ortografia Braille.

4 CONCLUSÕES

Esta pesquisa nos proporcionou informações imprescindíveis na nossa formação, mostrou-nos caminhos a serem trilhados para além da graduação. Foi extremamente gratificante e percebemos o grande avanço pessoal e profissional que objetivamos neste processo.

Embasados em leituras e pesquisas bibliográficas, e nos resultados obtidos, esperamos que venha a contribuir na atuação de alfabetizadores trazendo o esclarecimento deste assunto e que contribua em futuras pesquisas.

5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Gloria. Uma reflexão necessária. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, n. 06, mar. 1997. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br>>. Acessado em 08/04/2010.

ALMEIDA, Maria da Gloria. Fundamentos da alfabetização: uma construção sobre os quatros pilares. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, n. 22, ago. 2002. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br>>. Acesso em 08 de abril. 2010.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo. Cortez, 1992.

BECHARA, Jonir; LEMOS, Edison Ribeiro. O Sistema Braille no Brasil. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, n. 02, jan. 1996. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br>>. Acesso em 12 de junho. 2010.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LIMA, T. C., MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico. a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál.**, Florianópolis, v. 10, n. esp. p. 37-45. 2007.

SANTIN, Sylvia; SIMMONS, Joyce Nesker, Problemas das crianças portadoras de deficiência visual congênita na construção da realidade. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, n. 16, ago. 2000. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br/nossos>>. Acessado em 08/04/2010.